

Editorial

O v.7. n.1 da **Rebeca** inicia com o dossiê *Pedagogias da Montagem*, editado por Elianne Ivo e Milena Szafir, e que se desdobra do Seminário Temático Montagem Audiovisual: Reflexões e Experiências, na produtiva relação que a revista vem traçando com os encontros da Socine nos últimos dois anos. Com uma preocupação dada no ensino da montagem, nos desafios pedagógicos que sustentam práticas de sala de aula diversas e/ou em comum, as reflexões que constituem esse dossiê apontam para a consolidação de um espaço de intercâmbio de experiências, abrindo pontes, sobretudo, para o gesto colaborativo no ensino da montagem. Com um desejo de compartilhar tais experiências e mesmo dar início a uma rede de professores, o conjunto de textos aqui reunidos conta com contribuições de Elianne Ivo, João Luiz Leocadio da Nova, Marcio Blanco, Maria Luiza Dias de Almeida Marques, Milena Szafir, Vinícius Carvalho e Marcela Amaral. Uma apresentação mais detalhada da proposta do dossiê, bem como de sua composição final é assinada pelas organizadoras e antecede a leitura dos artigos.

A seção **Temáticas Livres** inicia com “A Imagem e as figurações do sensível na obra de Miguel Rio Branco”, escrito por Marco Túlio Ulhôa. O autor nos oferece uma leitura do curta-metragem *Nada Levarei Quando Morrer, Aqueles que a mim Deve Cobrarei no Inferno* (1985), tomando como ponto de partida a forte articulação que este estabelece entre a fotografia e o cinema com a arte barroca e as forças de resistência retratadas no filme. Da concepção benjaminiana de história às profanações agambenianas, passando por outras discussões filosóficas e estéticas em torno da obra de Rio Branco, o texto aborda a política das imagens de vidas sensíveis no corpo dessa ‘radiografia social’ que o diretor realiza no bairro do Maciel, na região do Pelourinho. “Cinema e Educação: territorialidades, narrativas e hibridizações”, de Tatiane Mendes Pinto, também se insere no recorte da experiência sensível, buscando as formas como o cinema constrói a política das ocupações de espaços, como hospitais e praças. O texto discute a produção de ‘territórios sensíveis’, a circulação dos sujeitos e suas narrativas nesses espaços coletivos, analisando, ainda, em que medida as ocupações promovem sociabilidades e ressignificações no ‘estar com’ que rege a vida em comum. No artigo seguinte, “A exibição de filmes na Índia entre os anos 1920 e 1940”, Emília Teles da Silva nos oferece um panorama histórico do cinema indiano do ponto de vista da espectadorialidade, tomando como fontes o relatório governamental indiano sobre a indústria cinematográfica no país, publicado em 1928, bem como depoimentos e entrevistas de espectadores publicados na revista de cinema *Filmindia*, principal referência entre 1935 e 1960 no país. Ainda na chave da história, Carlos Eduardo Rebello de Mendonça contribui com o artigo “De Le Cid a El Cid: A atualização histórica das representações da idade média na literatura e na indústria cultural”, em

que reflete sobre a política da representação do herói medieval na transposição do fato histórico para a literatura e, subsequentemente, para o cinema. A relação com a indústria também informa o texto de Alessandro José Oliveira, intitulado “A indústria do cinema: política de não saber ou do não fazer”, que discute os aspectos políticos e econômicos do chamado Polo Cinematográfico de Paulínia, seus avanços e suas dificuldades. Reconhecendo os obstáculos das políticas públicas para o audiovisual no Brasil, o texto também busca compreender de que forma esse polo poderia contribuir para uma autonomia de produção cinematográfica que estimule e ajude a desenvolver uma indústria audiovisual no país. Em seguida, dois artigos apresentam discussões em torno da animação no cinema. No primeiro, “A tela mínima: Super 8 como suporte de pintura”, Christiane Quaresma escreve sobre animações brasileiras em Super 8, realizadas nas décadas de 1970 e 1980. A autora lida especificamente com a experiência direta na película, traçando uma relação imediata entre o cinema e a pintura na chamada ‘animação direta’, em uma instigante leitura crítica e política do regime de imagem que essa animação produz como desterritorialização tanto da película quanto da tela. Por fim, as autoras Carolina Morgado Leão e Ana Beatriz de Araujo Linardi discutem sobre a obra de Jan Švankmajer em “O cinema de resistência surrealista de Jan Švankmajer: Estudo de caso em *Jabberwocky*”. O texto mapeia a obra do animador tcheco para deter-se com mais detalhe no processo de realização de *Jabberwocky*, de 1971, baseado no poema homônimo de Lewis Carroll. O foco da análise se dá na intrincada relação entre as imagens animadas e a trilha sonora, que as autoras analisam, considerando o trabalho colaborativo de Švankmajer com o compositor Zdeněk Liška.

A **entrevista** que compõe essa edição da **Rebeca** trata de uma conversa com a professora, pesquisadora e realizadora inglesa Laura Mulvey, e é assinada por José Gatti e Raphael de Boer. Os autores se concentram nas novas relações que Mulvey estabelece com a imagem ao tratar dos avanços tecnológicos em seu livro *Death 14x a second*, estabelecendo uma conexão com outras obras fílmicas e teóricas já clássicas de Mulvey.

Na seção **Resenhas**, este número conta com três contribuições que tratam de dois filmes e um livro. Em “A partilha do sensível: resistência, arte e política em Burkina Faso/África”, Vera Gasparetto resenha o filme *Burkinabè Rising: a arte da resistência em Burkina Faso* (2016), dirigido pela realizadora e ativista brasileira Lara Lee, radicada nos Estados Unidos. Seguindo a veia política dos filmes de Lee, a autora explora o modo como o filme aborda a resistência que atravessa a arte burquinense em estreita relação com as políticas de vida em comunidade. Em seguida, Milena Szafir apresenta uma leitura de *Que emoção! Que emoção?* (2016), de George Didi-Huberman, em seu “#páthos a nossxs pupilxs”, em um texto que se inspira nas ocupações estudantis de 2016, no Brasil, e encontra, na escrita de Didi-Huberman, a justa medida de afeto que atravessa as formas de agir e fazer política

nos enfrentamentos contemporâneos. Fechando essa seção, Katya Zuquim Braghini escreve sobre o documentário argentino *A Educação Proibida (La educación prohibida, 2012)*, dirigido por German Doin, ressaltando a problemática relação que o filme estabelece com a história da educação em sua proposta de uma 'educação inovadora'.

Nesse número, contamos, ainda, com a instigante contribuição de Milena Szafir para o **Fora de Quadro**. Com seu "*Counter clockwise (or Rotate Left)*" a autora propõe um trabalho interativo, um "giro à esquerda", em forte sintonia com a resenha #páthos a nossos pupilxs, também de sua autoria, e com as reflexões sobre a montagem que compõem o conjunto de textos do dossiê.

A partir deste número, a **Rebeca** conta com a colaboração de Thayse Madella, que assume o trabalho de secretaria e diagramação da revista. Agradecemos a ela pela disposição em aceitar o desafio e por todo o empenho em fazer essa sua primeira publicação acontecer. Agradecemos também a todas as pessoas que aceitaram a tarefa de avaliar os trabalhos, oferecendo pareceres justos e claros, e se colocando também à disposição para esclarecimentos e novas leituras. Tem sido cada vez mais difícil encontrar leitoras e leitores para essa tarefa, o que, sabemos, em muito se dá pela asoerbadada vida acadêmica. Contudo, é dessa contribuição que depende a qualidade da revista que, esperamos, a cada número se consolida como um dos principais veículos de divulgação do conhecimento sobre cinema e audiovisual no Brasil.

Uma ótima leitura e a todas e todos!

Ramayana Lira de Sousa